



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

Os teimosos

por Anão Sabichão

ESTE falatório é hoje especialmente dedicado a certas rapariguinhas e rapazinhos que, com as suas teimas, tanto desgostam os pais e se tornam antipáticos a toda a gente. Certamente, os meninos e meninas bem educados nunca quererão ter um defeito tão feio!...

Lá no reino dos anões estamos sempre de acôrdo, e se, por acaso, algum de nós tem tendência para implicar, o que é que lhe fazemos?

Enquanto o teimoso teima na sua teima, os outros, em frente dele, começam a abrir e a fechar a boca, sem que nenhum som lhes chegue a saír das guelhas.

Vai o companheiro, muito vexado, vê que o único remédio é calar-se e, assim, tudo acaba em bem!

E' remédio santo!...

Experimentem e verão!

Também assisti a uma história divertida que talvez os faça rir e curar do tal maldito defeito!

Andava eu transformado em môsca, quando entrei numa casa onde vivia um abegão e a mulher.

Eram amigos um do outro, não se podia negar, mas, quem os ouvisse, julgaria que se odeavam!

Sempre a proferirem palavras irritadas e se um dizia que era branco, o outro teimava logo que era preto!...

Nenhum dêles dava o seu braço a torcer; nunca se calavam, porisso, cada vez, as disputas eram maiores e mais violentas.

A vida em casa tomou umas tais proporções de guerra permanente que a mulher, certo dia, foi aconselhar-se com o boticário da aldeia que era homem de bom conselho.

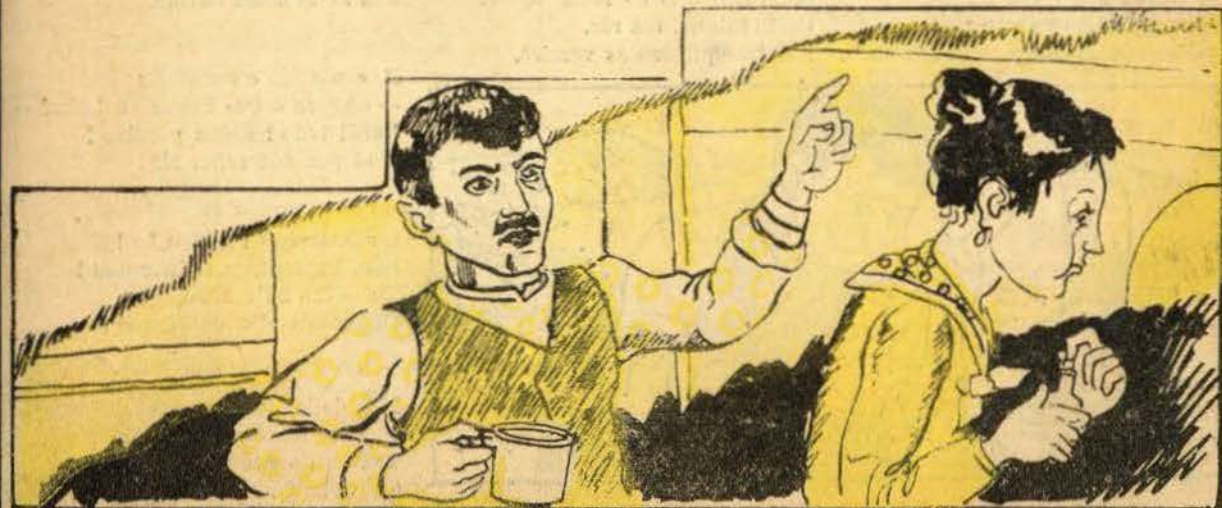
Ele ouviu-a, cheio de paciência e desembuchou:

— Parece-me, mulherzinha, que encontrei o remédio que precisa.

— Ah, tiozinho, sempre lhe fico mais agradecida se o meu homem não continua mais a teimar comigo!...

— Ou vocemecê com êle, que é o mesmo! — res-

(Continua na página 3)



O ANÁLFABETO

por ZÉ D'ALDEIA desenhos de CASTAÑÉ

Tinha dois filhos Braz Bento:
Um José, outro João,
Gêmeos pelo nascimento
Mas pelo gênio é que não!

Um era mui diligente,
Outro, o rei dos mandriões,
Nos dois tudo era diferente,
Exceptuando as feições!

Fazem seis anos... O pai
Compra-lhes uma sacola,
Um A. B. C. e lá vai
Levá-los ao mestre-escola.

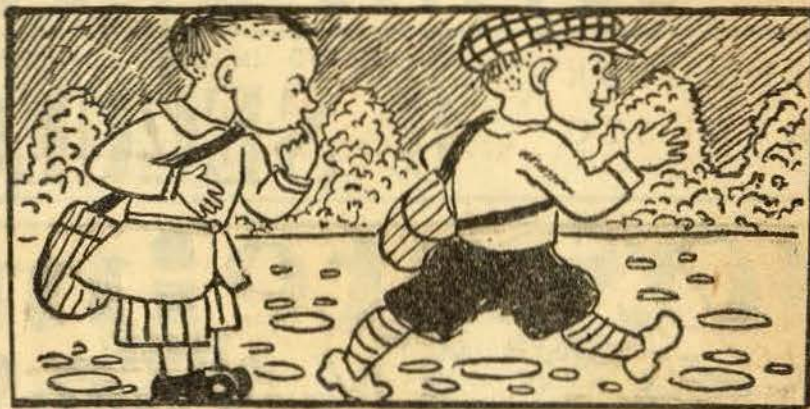
Passaram semanas, meses.
Um dia diz o José:

—«Oh meu pai! Eu penso, ás vezes:
Saber lèr, para que é?!...»

Cansa-se a gente a aprender,
Sempre de livro na mão!
E p'ra quê? P'ra saber ler!...
Toda a escola é uma prisão!»—

Pelo seu lado, o João
Não se cansa de estudar,
Por ser muito espertalhão
Já galgou o soletrar!

Entretanto, o José sai
Da escola e em voz irada
Exclama assim para o pai:
—«Vou cavar! Quero uma enxada!».



Desgostoso o pai ficou,
Ante essa resolução,
Pois soube quanto lutou
Por não ter tido instrução.

Mas, enfim, o que fazer?!
Deu-lhe a enxada, ferros, pás;
—«Filho! Vais-te arrepender!
Mais tarde tu m'o dirás...» —

Faz-se o José lavrador,
(O saber não o abrasa)
E João, quási um doutor,
Já é o orgulho da casa!

Correm anos. Uma vez,
Num contrato de rendeiro
Certo fulano, má rês,
Em tranquibérnias vezeiro,

Leva o José ao engano,
Para um falso compromisso!
Ah! que se fôra o seu mano
Não tinha caído nisso!

Vendeu a sua casinha,
E as suas terras, também!
Vendeu tudo quanto tinha,
Sem receber um vintem!...

Quem lhe poderá valer?
Vê tudo perdido, ali!
Pois, sem nada receber,
Na escritura ouve ler:
— «Declaro que recebi!» —

Então, José a chorar
Procura o mano João;
Pede-lhe para o salvar
Das artes dêsse burlão.

E contando o sucedido:
— «Agora o que hei-de eu fazer? —
Perdi tudo! Estou perdido!
E só por não saber ler!

Oh instrução! Instrução!
Bem haja quem te inventou!
Tu és tão feliz, João,
Quanto infeliz eu cá sou! —

Mas de tal forma o João,
Que era doutor em direito
Tratou da sua questão,
Que a burla não teve efeito!



E o trocatintas burlão,
Depois de ter confessado
A' Justiça a feia acção,
Entrega tudo ao burlado!

Já em casa, radiante,
Diz o José: — «Meu irmão —
Tu passas, de hoje em diante,
a ministrar-me instrução!

E foi tão grande a vontade
Com que o José estudou,
Que, no liceu da cidade,
Ainda um curso alcançou!

Pequeninos, que estudais,
Um conselho vos vou dar,
Como a seus filhos os pais
Ou avóznhos aos netos,



Não vos canseis de estudar,
Para que, enfim, Portugal,
Possa dizer: — «Afim,
Já não tenho analfabetos!» —

.....
O Saber! Aqui vos juro,

Meninos, a todos vós,
E' ouro! E' ouro puro,
Que temos dentro de nós!...

F I M

OS TEIMOSOS

(Continuado da 1.^a página)

mungou o boticário, enquanto ia deitando num frasco uma pouca de agua de flôr de laranja, juntamente com água e açúcar.

Estendeu-o depois á mulher.

— Tome lá esse frasco — disse elle. — Todas as vezes que vocemecê começar a zangar-se, ou seja o seu marido com as teimas costumadas, meta na boca um golo deste licôr. Mas é preciso não o engulir! Quando o máu génio passar, deite fora o liquido, percebeu? —

Ela fez os seus agradecimentos e lá seguiu com o precioso remédio.

Aconteceu, porém, o abegão encontrar um compadre e lembrar-se de lhe fazer as suas queixas.

— Olha, sabes que mais,—retorquiu este—quando ella não se calar, deita-lhe água fria á cara. Fica mansa como um cordeirinho!

Radiante com tal idêla, o homensinho voltou para casa.

Daf a tempos, estava elle mal humorado e vai disse á mulher que a sopa escaldava. Logo ella respondeu abespinhada:

— Não pode ser! A sôpa está fria.

— Está quente!

— Está fria!

E assim por diante, até que a mulher, sem o marido dar por isso, tomou um golo do elixir que conservou na boca.

Nessa mesma ocasião, também elle encheu uma caneca de água para o que desse e viesse!

Mas nunca mais ouviu palavra!

O abegão olhava admiradissimo para a mulher, estranhando aquella attitude e ella, de costas voltadas, já trabucando na chaminé, sem mais abrir bico!

Por fim, o marido bebeu a água da caneca e, já calmo, sorridente, foi comendo a tal sôpa, que achou uma delicia! Neste entrementes, a mulher deitava fóra o liquido que conservara na bóca.

Satisfeita com o resultado, pensava com os seus botões:

— O boticário deu no vinte! A droga fez um «efeitarrão»!

Várias vezes a cêna se repetiu, sempre bem sucedida!

E o sossêgo foi voltando, porque para haver um teimoso é preciso que haja dois!...

Como môsca, eu entrava ali a tôda a hora e sou testemunha que nunca mais ouvi ali uma teima. Só muito tarde o marido, já curado, percebeu a tramóia de que a mulher se servira!

Não se zangou, já se vê, porque também lhe passara o máu génio e o resto da vida viveram os dois muito felizes.

Há ainda o processo de se contar até onze, quando nos chega a mostarda ao nariz!

Emfim, deixo-lhes aí várias receitas para vocês pensarem a sério em se livrar da teimosia, porque um menino teimoso é tão máu como um tinhoso!...

F I M

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciete Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrela—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraçada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anônima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — SÃO 104 PÁGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos

UMA SURPRESA AGRADAVEL



I — Zé João e sua esposa, Dona Rosa, eis em cuidado; pois se passa alguma coisa na casa do Pedro Sousa, o seu vizinho do lado.



II — «Que bulha é d'iz, alarmada, a mulher ao Zé João, cada vez mais intrigada: — «Dir-se-ia uma trovoadá ou ribombar de canhão!...»



III — Mas a verdade era esta: — O Sousa, com ar mázombo, em sua casa modesta, ensaiava, para a festa, uma lição no seu bombo.

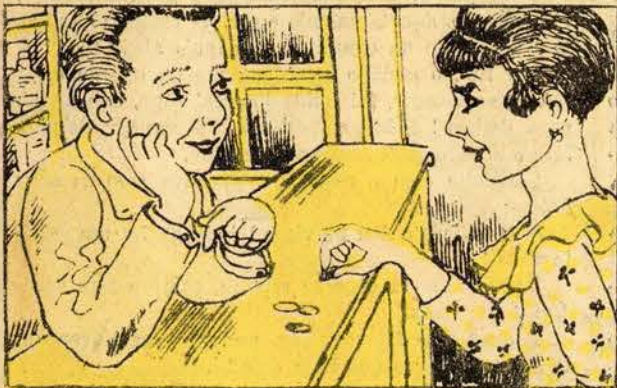


IV — Ao fazer anos a esposa, dias depois, Zé João diz, sorrindo, à Dona Rosa: — «Tragô-te, aqui, uma coisa, que vai dar-te um alegrão!»



V — Mas, ao saber que essa coisa era um outro bombo enorme, — «O' palerma!... (diz, furiosa) Não nos bastava o do Sousa, devido ao qual nem se dorme?!»

VI — Então, muito sorridente, responde-lhe ele: — «Não sei porque ficas descontente; pois, mulher, precisamente o do Sousa é que eu compre!»



DESTINOS NOVELA INFANTIL POR GRACIETTE BRANCO

(Continuação do numero anterior)



E NTRANDO no simpático quarto que lhe haviam destinado, Fernando sentiu uma grande alegria invadi-lo todo.

A brancura da colchazinha modesta; a ingénua simplicidade do tapete bordado a lã, ao lado da cama; a frescura das rosas nas jarras, alegraram Fernando, enchendo de enlêvo a sua tocante sensibilidade, eternecendo-lhe, deliciosamente, a alma.

Os sonhos dessa noite, foram radiosos, com estranhos clarins tocando vitoriosamente, e, na seguinte manhã, que um Sol puríssimo doirava, Fernando, sentiu a alma fresca e alegre como as rosas das jarras.

Depois do almoço, já familiarizado com o seu novo lar, extremamente simpático, foi Fernando para o armazem, em companhia do primo Gonçalves.

Fernando andava aturdido com a rápida mudança da sua vida, deslumbrado com o ar de civilização da nossa linda Lisboa.

Meticulosamente, o senhor Gonçalves pôs Fernando ao corrente do seu importante negócio, pedindo-lhe para se interessar por tudo como filho da casa.

O senhor Gonçalves muitas vezes atendia os fregueses ao balcão, a compras a retalho, embora o seu trabalho de escrituração lhe ocupasse a maior parte do tempo.

Francisco, — um marçano já antigo no armazem, — deu a Fernando as últimas instruções e, em breve, o rapaz, com uma larga bata de riscado, se pôs, activamente, a trabalhar ao balcão.

Choviam os fregueses e Fernando, ao lado de Francisco, não tinha mãos a medir.

A' noite, regressou Fernando a casa, alegre, bem disposto, contente consigo próprio, pelo muito que havia trabalhado e por haver descoberto, em si, ótimas qualidades de empregado de balcão: paciência e rapidez na execução das contas.

E os dias sucediam-se, agradavelmente, para todos, tendo, já Fernando trocado afectuosas cartas com seus pais, nas quais manifestava a alegria que lhe dava a sua nova vida, embora, algumas vezes, ensombrada por algumas saudades da família.

Numa manhã, vestia Fernando, distraidamente, a sua bata, quando uma voz fresca e harmoniosa, exclamou do outro lado do balcão:

— «Bom dia. Faz favor de me vender, muito depressa, um quilo de manteiga».

Fernando voltou-se, vivamente, e deu, surpreendido, com um rosto encantador no corpo duma mulherzinha de 18 anos.

— «Ora, essa! Com todo o gosto!» — respondeu, cortezamente, Fernando.

— «Mas depressa, Senhor! — continuou a rapariga. — Se soubesse, o que me ralham quando me demoro mais!»

— «A menina é creada?» — perguntou, interessado, Fernando.

— «Sou, sim Senhor! Nesta casa aqui defronte, esta côr de rosa. O sr. Francisco conhece-me bem. E' ele quem me avia sempre. Agora temos estado fora. Chegámos ontem do Porto, a terra dos meus patrões. Ai, mas depressa, senhor, senão ralham-me tanto.»

— «Pronto, menina. Aqui está.»

— «Muito boa tarde.»

— «Muito boa tarde.»

... e Rosinha safu.

Fernando, sem saber porquê, ficou pregado ao balcão, com os olhos na porta. A imagem suave de Rosinha, tinha deixado, suspensa no ambiente, não sei que suave graça, que espiritual encanto, contrastando com as prosaicas resmas de bacalhau, as latas de manteiga e açúcar, os variados sortidos de café!

Dominado por este milagre de Beleza, estava Fernando, alheadamente, tamborilando os dedos sobre o balcão, quando o ruído duma janela, abrindo-se, em frente, o fez erguer, rapidamente, à cabeça.

Rosinha surgira, olhando, abstractamente, a rua, de

rosto triste e inquieto, como se, também, dentro de si, se houvesse operado um milagre qualquer.

Fernando, nervosamente, ficara tão perturbado com a aparição da rapariga, que nem deu pela entrada de Francisco no armazem.

— «Bom dia Fernando — exclamou ele».

O rapaz voltou-se bruscamente, ficando um pouco envergonhado, por julgar ter dado a conhecer a sua estranha perturbação.

— «Adeus Francisco, bom dia.

— «Então tem vindo muita gente hoje?»

— «Nem por isso. Veio há pouco uma rapariguinha que mora aqui, defronte.

— «Ah, a Rosinha já veio do Porto? Pobre pequena! A miséria fá-la aturar os maus tratos dos patrões que a veem como um farrapo, uma escrava, e não uma pessoa igual às outras».

A comoção de Fernando era tão transparente que, certamente, teria sido notada por Francisco, se um freguez qualquer não tivesse entrado, nesse momento, na loja.

(Continúa no próximo número)



SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

Minhas queridas discipulas:

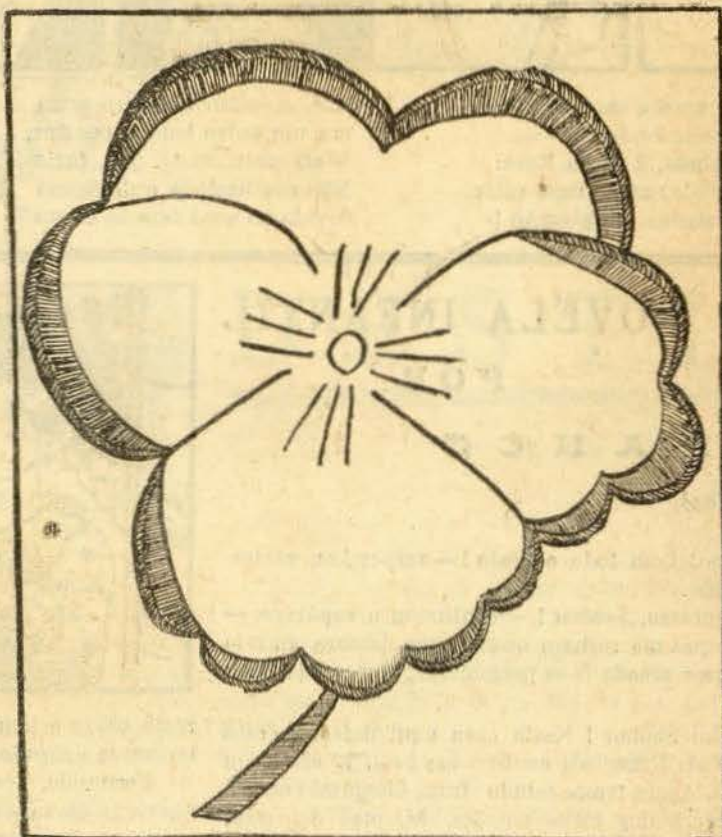
VAMOS ainda hoje tratar das bonecas. E' para elas que vai o meu modelo, um engraçado «napperon»: — o Amor-Perfeito! Vai ele fazer um figurão na cómoda do quarto ou na pequenina mesa da casa de jantar!

Nas minhas lições anteriores, já lhes ensinei várias vezes a fazer o ponto de recorte, mas como o d'este «napperon» é bastante mais largo e por isso mais difficil se torna a sua execução, recomendo-vos que deveis ter o maior cuidado em não repuxar a linha para que o trabalho, em lugar de ficar bonito e perfeito, não resulte uma «trapalhice».

Este «napperon» deve ser feito em linho.

Para o recorte escolhereis algodão «perlé» roxo matisado. O olho é amarelo bem como as nervuras que são feitas em ponto pé de flôr. O pé é verde.

Este desenho é tão apetitoso de bordar que de ante-mão já se conta com o efeito obtido; por



isso começai, quanto antes, o trabalho e com toda a vontade!

Abraça-as a

Abelha Mestre

HORA DE RECREIO
CHARADAS COMBINADAS

+ a — Banheira,
+ a — Urdidura,
+ la — Ave.

+ la — Fila.
+ la — Rebordo.
+ la — Ave.

+ ma — Leito
+ to — Parente
+ lo — Pé de couve

+ rão — Pingo de tinta
+ mo — Bouquet
+ ta — Pequeno barco

Utensillo de estudo,

Utensillo de estudo

Utensillo de estudo

Utensillo de estudo

Solução das anteriores — 1 — Cerveja — 2 — Gazona — 3 — Capilé

CHARADAS PARA OS MENINOS COLORIREM EM FRASE

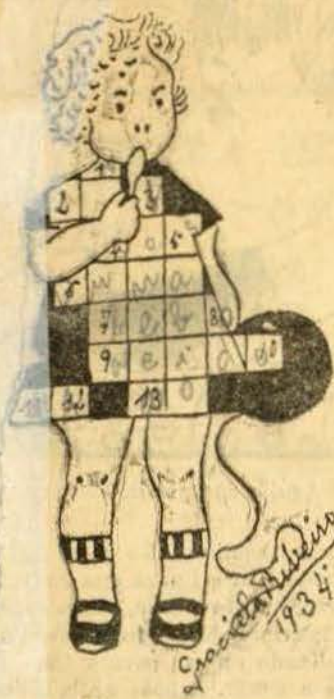
O artigo que vende esta mulher filosa é dum animal — 1 — 2.

Troça desta planta agreste este homem — 1 — 2.

No Oceano esta pedra afoga a acusada que se afunda ao péso da pedra — 1 — 1 — 1.

A mão enclavinhada como um laço apertado mata este animal — 2 — 1

Solução das anteriores — 1 Jogador — 2 Gigajoga — 3 Reimadia 4 — Amolar 5 — Anteaurota 6 — Apar 7 — Engenharia 8 — Estacada — 9 Fortemente.



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

1, consoante; 2, suspiro; 3, consoante; 4, ermos, solitários; 6, monte de areia à beira mar; 7, tempo do verbo beber; 9, substância composta de um corpo com oxigénio ou hidrogénio; 11, ruim; 13, contracção.

VERTICAIS

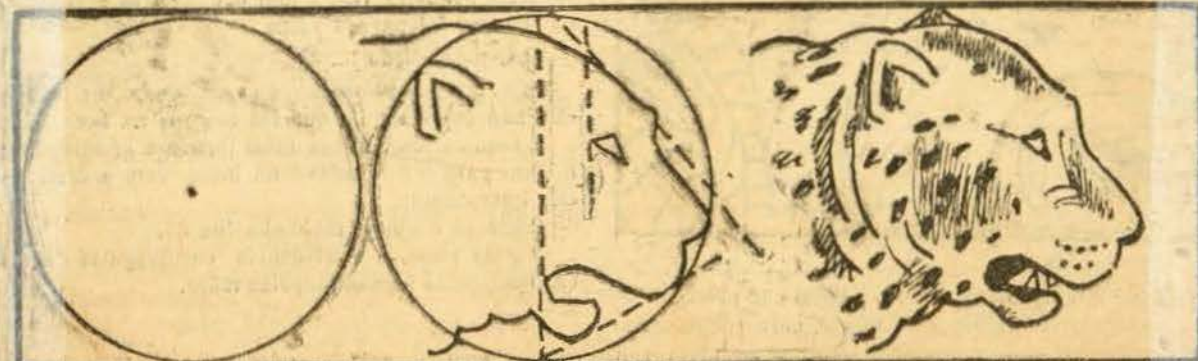
1, tempo do verbo rir; 2, vogal; 3, brinquedo de menina; 4, tempo do verbo subir; 5, homem que sabe muitíssimo; que tem conhecimentos profundos; 8, duas letras da palavra ode; 11, consoante; 12, vogal.

ADIVINHA



E' professora, não fala, cura gente, analfabeta. Quem não gosta dela abala, foge, compra uma gazeta.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um leopardo



EU QUERO AQUILO!...

Por ZÉ D'ALDEIA

O Pedrinho era um menino de quatro anos.

Muito irrequieto e teimoso, levava sempre a sua ávante, devido ao amor que seus pais lhe consagravam e á grande indulgência que lhe dispensavam, por todos os seus caprichos.

Sobretudo á mesa, queria provar sempre quanto aparecia, primeiro que ninguém, fazendo uma algazarra enorme, se não lhe satisfizessem, logo, os seus desejos.

Aparecia uma iguaria nova e ele apontava, logo, com o dedo (o que é muito feio) e dizia, imperiosamente:

— «Máizinha! Eu quero aquilo!...» —

Um dia, havia jantar de festa. A mãzinha fazia anos.

Convidados de cerimónia, como sucede em dias festivos, em quasi todas as casas...

A criada traz malaguetas.

Ao vê-las, Pedrinho aponta para ellas e exclama, imperiosamente:



— «Oh Pedrinho! Aquilo não presta!» — repete a mãe.

— Deixa-lo! Eu quero aquilo!... Eu quero aquilo!

A mãe, envergonhada com a figura que Pedrinho estava fazendo, não teve outro remédio, senão dar-lhe uma malagueta. O Pedrinho pegou nela, levou-a á boca, trincou-a e, saltando furioso para o chão, começou a rebolar-se e a gritar. A boca ardia-lhe em virtude do sabor excessivamente picante da malagueta...

Pela primeira vez, a mãe deu-lhe três açoites. E de castigo, foi para a cama...

Abençoada lição!...

Hoje, quando vê malaguetas na mesa, diz logo: — «Eu não quero aquilo que faz cócegas na boca...»

E caso curioso: nunca mais tornou a apontar com o dedo para o que estava na mesa, nem a dizer: — «Eu quero aquilo!»

Come só o que a mãzinha lhe dá.

Muitas vezes, a Providência encarrega-se de nos castigar, pelas nossas próprias mãos.



— «Máizinha! Eu quero aquilo...» —

Logo a mãzinha lhe diz: — aquilo não presta.

— «Eu quero aquilo...» — repete, enfurecido, começando a bater com os pés no fundo da mesa e a chorar desesperadamente!